

## Letras do feminino

262 - dezembro de 2016

**A tristeza é senhora**

**Gabriela Xavier de Araujo**

*Para uma flor que o vento desmanchou.  
Para uma lágrima que teve vergonha de correr.  
Para uma estrela que ficou atrás da nuvem.  
Para uma criança que caiu e não foi consolada.  
Para um sorriso que acabou.  
Para uma igrejinha, que passou a tarde toda sem ninguém.  
Para um Homem que morreu por mim.  
Para o trenzinho que o menino não ganhou.  
Para a ternura.  
Para todas as pessoas do mundo.  
(NACHTERGAELE, M.C.)*

É do encontro com estas palavras que surge o desejo da escrita por este texto. São os versos de uma mulher, Cecília, que comete suicídio durante o puerpério, tendo seu filho 3 meses. Seu filho, Matheus Nachtergaele, que hoje é ator, está em cartaz com uma peça [1] onde interpreta os poemas que sua mãe escrevera um pouco antes de partir.

Me lanço de pronto a pergunta sobre esta *lágrima que teve vergonha de correr*, sobre a talvez mais falada depressão puerperal, mas sobre a talvez ainda pouco legitimada tristeza. Tristeza do pós-parto, tristeza de ser mulher, tristeza de ser mãe, tristeza. Não seria justamente a impossibilidade desta lágrima correr que faz do suicídio uma única saída?

Procuro encontrar palavras que sirvam de lastro para estas lágrimas. Diferente do meu trabalho em consultório, onde me ocupo da dor das crianças, neste momento me dirijo para a dor da mulher, dor de Cecílias, pois Matheus, através da peça, está conseguindo se ocupar da sua. É ela quem pouco pôde falar de sua dor.

Se em nossa sociedade há um imperativo de felicidade, e a tristeza é fortemente abafada, há uma potencialização disto no quinhão concedido às mulheres.

Que emudecimento é este que temos ainda, e desde muito, em relação a tristeza da mulher quando se encontra mãe? Seria ele causado pelo mito, ainda tão arraigado em nossa sociedade, da universalidade do amor materno?

*Vai que você vai andar por um lugar que eu fui,  
Vai que você vai andar carregando a minha cruz  
Vai levando o morto nos teus braços  
No regaço, minha dor.  
Vai que você vai andar por um lugar que eu fui,  
Vai que você vai andar carregando a nossa cruz  
Vai levando o morto nos teus braços  
No regaço, nossa dor.  
(NACHTERGAELE, M.C.)*

Me tomo como destinatária dessas palavras de Cecília, e parto em busca de um resgate histórico sobre o tema do amor materno.

Em seu livro publicado no final do século passado, a filósofa Elisabeth Badinter (1985) questiona a existência de um instinto materno. Confronta a noção de “natureza feminina”, pensando a mulher como bem distante da fêmea, para qual tudo já está determinado.

Ela estabelece como ponto de partida uma pesquisa histórica sobre a amamentação e sobre o uso quase generalizado de amas-de-leite entre a burguesia francesa dos séculos XVI-XVIII. Tal hábito culminava com muita frequência, na morte da criança, posto que as amas não tinham, muitas vezes, o zelo necessário. Além de implicar um distanciamento enorme dos pais com o filho, porque em geral as amas viviam longe das famílias de origem.

Badinter vai construindo hipóteses sobre tal fenômeno, questionando se teria relação com a possibilidade de recursos financeiros, pessoais. De fato, o recurso às amas-de-leite é mais presente nas classes de maior pobreza. O que poderia ser justificado pelo fato delas estarem reduzidas “a uma tal penúria física e moral que é justo indagar se teria havido lugar para um outro sacrifício vital; como o amor e a ternura teriam podido se expressar nessa situação catastrófica?” ((Badinter, 1985, p.76).

Porém, quando encontramos o uso frequente também nas classes dominantes, a justificativa da impossibilidade de recursos deixa de se sustentar. E é a partir dessas mulheres, supostamente livres para escolher, que podemos nos questionar sobre a universalidade do amor materno.

Nessas camadas, a amamentação era desaconselhada, vista como uma tarefa muito pouco nobre, que indicava que não se pertencia a uma boa classe.

Nada é menos elegante, segundo o ideal mundano da época, do que “parecer amar em demais os filhos” e perder com eles seu precioso tempo (...) temos a resposta mais evidente ao problema do abandono dos filhos pelas mães mais abastadas ou ricas. (BADINTER, E., 1985, p.97)

É no final do século XVIII que vemos surgir discursos que modificam estes padrões. Seja por um discurso econômico e político – posto que a criança começa a assumir um valor mercantil e militar; seja pelo discurso filosófico iluminista, com ideias de um retorno a natureza; seja pelo discurso médico sanitário que se ocupa de combater os números elevados de infanticídio. Tais discursos exaltam então o amor materno como um valor natural, social e que serve à espécie e à sociedade.

Badinter considera Rousseau como um grande expoente desse novo discurso. Em seu célebre *Émile* ele traça uma versão bastante normativa e que foi amplamente difundida sobre este novo perfil da mulher. Ali abundavam afirmativas tais como “a verdadeira mãe de família, longe de ser uma mulher de sociedade, não será menos reclusa em sua casa do que a religiosa em seu claustro”.

Certamente, esta mudança discursiva traz um benefício enorme para a criança, que começa também a ter sua existência mais claramente delimitada, como tão bem nos

mostra Philippe Ariès [2] (1973). Entretanto, custou bastante caro para as mulheres e mães. Sendo a sobrevivência da criança intimamente imbricada com a afeição e entrega materna, o mesmo golpe que protege uma, violenta a outra.

Começam a surgir então uma multiplicidade de manuais, publicações, recomendações de toda ordem sobre como cuidar dos filhos, sobre a importância da amamentação e do cuidado materno.

Elas impõem, à mulher, a obrigação de ser mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho. (BADINTER, 1985, p.145)

Tal mudança discursiva culmina nesta nova visão de mulher: de Eva – curiosa, ambiciosa e investigativa, para Maria – modesta, do lar e inteiramente devotada ao filho. Impossível não associar com esta versão ainda tão forte no nosso momento atual de mulher como *bela, recatada e do lar*.

No avanço do seu trabalho, Badinter questiona, assim, a potência desses discursos, que ainda hoje são muito dominantes. Não nos interessa aqui questionar quem são os principais interessados em manter essa ordem, mas somente pensar no que coube a mulher desde então.

Claramente este discurso teve um sucesso bastante significativo em responsabilizar as mulheres que não conseguem se encaixar nos padrões tão claramente ditados – que não se sentem plenas com a maternidade, com a vida doméstica e com o cuidado dos filhos. E ainda que as mulheres tenham conseguido muita emancipação do século XIX até hoje, em muito pouco a tese de universalidade do amor materno foi perturbada.

Avanço a hipótese de que ainda que as mulheres tenham tido conquistas também no âmbito da vivência da maternidade, o encontro com o discurso contemporâneo de imperativo de felicidade, potencializa a máxima de ser feliz como mãe. E tem como efeito uma culpa enorme por parte daquelas que não se sentem assim.

Ou seja, se acrescenta ao já conhecido lugar da mulher como mãe, a obrigação de ser feliz com isso. E por mais que as conjunturas que operam para que uma mulher deseje ser mãe possam ser cada vez mais diversas, vemos proliferar, de distintas correntes, um retorno a essa devoção e vocação da maternidade, ainda que de forma repaginada.

É muito interessante ver como as espirais discursivas se reciclam. Em um momento que se pretende tão libertário, onde as taxas de mortalidade infantil se encontram em níveis baixíssimos, onde se tem uma diversidade enorme de fórmulas de leite infantil, o imperativo da amamentação exclusiva regressa com todo seu vigor – e inclusive pelas mulheres mais partidárias do feminismo.

Muito emblemático disso é a prescrição que se tornou quase habitual na alta hospitalar da mãe após o nascimento do bebê de um medicamento neuroléptico que tem como efeito ser anti-depressivo e atuar como coadjuvante na produção de leite. Dois imperativos atuais da mulher quando mãe: seja feliz e amamente!

Na França e na Inglaterra, profissionais ligados a saúde materna têm tido o mérito de promulgar a ideia de *baby blues*. Aqui no Brasil, este período foi nomeado de melancolia pós-parto ou blues puerperal. Apesar da importância de trazer a luz a fragilidade do período do puerpério, a criação desta categoria é atrelada sobretudo a alterações hormonais. Muitos analistas têm conseguido criar brechas no discurso médico que aqui se impõe e legitimar este período como sendo de fundamental importância. Na linha justamente de que quanto mais a mulher se autoriza a viver este período de *blues*, menos ela entrará em um período de depressão mais configurado.

Entretanto, é importante mantermos a possibilidade de pensar nesse *blues*, sem que seja imediatamente atrelado a marcadores hormonais, nem mesmo como um período “pré-depressão”. Que a tristeza possa ser vista como algo decorrente dos acontecimentos da vida, de momentos de passagem, e dos afetos que dali emanam.

É aqui que recorro à psicanálise, em uma tentativa de ligar os pontos. Freud elaborou uma hipótese bastante criticada sobre o feminino. Não podemos lhe recriminar porém, a sinceridade com que se aproximou do tema. Prova disso é o fato de ter afirmado por várias vezes, nas conferências que dedicou a esta questão, que a feminilidade lhe era ainda um grande enigma. Outra grande qualidade foi ter sustentado a ideia de uma desnaturalização do sexo no ser humano.

Quando se diz que “nem todas são mulheres”, faz-se uma referência implícita a uma essência da feminilidade que escapa tanto à anatomia quanto ao registro civil, e cuja proveniência podemos questionar. Sua definição freudiana é clara e simples. A feminilidade da mulher deriva do seu “ser castrada”: mulher é aquela cuja falta fálica a incita a se voltar para o amor de um homem. (SOLER, C. 2005, p.26)

Com Lacan avançamos mais um ponto nessa encruzilhada. Ele desloca do pênis para o falo a operação da castração. Trata-se, assim, da falta fálica para aqueles que se assujeitam a esta operação, falta significativa, e não mais do pênis.

Assim, a castração é uma operação simbólica e universal, mas que ganha estatutos e consistências diversos ao longo da vida de cada um. O nascimento de um filho, a separação instalada após 9 meses de comunhão, certamente é um momento de encontro com a castração. Para além dos marcadores hormonais que participam como coadjuvantes na cena é da experiência subjetiva de cada um que se trata.

Desta contingência de vivência da falta, um dos acontecimentos que decorre é a tristeza. Tristeza como experiência de afeto e, portanto, sempre singular. Entretanto, impressiona a velocidade e insistência da resposta social, coletiva e médica em generalizar esta vivência pelo nome de depressão e, como tal, nada bem-vindo.

É isso que nos aponta a banalização da medicalização do puerpério, a pouca disponibilidade para a escuta da singularidade da experiência afetiva, e a consequente redução em uma doença. Em uma sociedade que idealiza a felicidade, a tristeza não tem lugar.

Incapaz de elaborá-la em formas mais sublimadas, pensa nela como um déficit, nunca como um valor. estado depressivo não se reduz ao afeto como sentimento. O sujeito

triste nem sempre está deprimido, e o deprimido, por sua vez, pode estar nessa condição em meio a uma indiferença de sentimentos. (SOLER, C.; 2005, p.75)

Frente a isso, me parece que a maior subversão que as mulheres, na posição de mães, podem operar nos nossos dias é o direito a tristeza como experiência real de vivência e sustentação da falta. Não só pelo que teria de revolucionário na contemporaneidade, mas por ser um dos caminhos de encontro com o filho que acaba de nascer. Só assim pode ter lugar para um laço mais desprovido de injúrias sociais com este novo ser.

Concluimos, assim, com a proposição de Lacan de que o desejo só é possível como efeito da operação da castração. Seria essa a “potência da pura perda”. Posto que o amor, tal como o desejo, tem seu início na experiência da falta (Soler, 2005).

Escutar, suportar e sustentar esta falta que se deflagra enquanto lágrima é uma posição ética do nosso ofício de analista. Escutá-la em uma direção diametralmente oposta a dos valores sociais dominantes em nossa época e do discurso médico e medicamentoso, que operam na via de um reducionismo muito violento.

Bem, evidentemente que isto se impõe para além da escuta das mulheres. Entretanto, me parece é em relação a elas que mais nos aproximamos desses discursos acima apontados quando, em nosso fazer clínico, elaboramos uma linearidade do sofrimento materno com o sofrimento infantil.

Que a lágrima possa correr, sem ter que cair de imediato em um terreno de significações sociais e nem mesmo de pressupostos teóricos. É da ética analítica do caso a caso, visando a singularidade irreduzível do sujeito, que poderemos acompanhar o sujeito nas suas invenções e soluções frente as experiências e confrontos com a falta.

*A história terminou,  
Mas a dorzinha persiste.  
Talvez cinema adiante.  
Talvez Conmel.  
Talvez tristeza seja tão fácil da gente  
dizer que acabou.  
Talvez festa. Um baile de formatura bem chato,  
prá fazer do sofrimento, irritação.  
Talvez Fernando Pessoa, Vinicius, Garcia Lorca.  
Ou entrar na auto-escola.  
Ou natação, tênis, pingue-pongue.  
Talvez sapatos novos,  
Talvez chôro.  
Talvez pedir aumento, faltar no dentista,  
estudar italiano.  
Bem-aventurados os ursos, porque dêles é a hibernação  
(NACHTERGAELE, M.C.)*

Referencias bibliográficas:

1. ARIÈS, P; Ariès, *L'enfant e la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris: ed. Seuil, 1973
2. BADINTER, E. *Um amor conquistado: o Mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.
3. SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2005.
4. NACHTERGAELE, M.C. *A mariposa*. Poemas organizados por Matheus Nachtergaele para a peça *Processo de conserto de desejo*.

[1]

[1] Psicóloga, Psicanalista, Doutora em Psicopatologia Psicanalítica pela Université Paris VII em cotutela com a USP. gabrielaxdearaujo@hotmail.com

[2]

[2] *Processo de conserto do desejo*.

[3] Philippe Ariès se dedicou a pensar na criação da noção da infância.

**Autor:** Gabriela Xavier de Araujo

Gabriela Xavier de Araujo: Psicóloga, Psicanalista, Doutora em Psicopatologia Psicanalítica pela Université Paris VII em cotutela com a USP.  
gabrielaxdearaujo@hotmail.com

[1] *Processo de conserto do desejo*.

[2] Philippe Ariès se dedicou a pensar na criação da noção da infância.

Palavras de Wagner Ranña , sobre o texto

*Que texto importante e ótimo. Parabéns para a Gabriela. Vi a entrevista do Matheus Nachtergaele no Jô e ele falou da mãe, de suas poesias e da peça que ele está apresentando. Foi muito emocionante ele falar que pode ter contato com a dor da mãe e dele mesmo, um bebê de três meses, através das poesias. Sem dúvida vivemos numa cultura machista e que naturaliza a função materna, bem como o sofrimento psíquico.*

*É por isso que devemos estar sempre atentos em nossa ética com o sujeito e sua singularidade e nisso a ABEBE tem uma importância. Vejo que a defesa dessa ética hoje tem muitos parceiros, o que é uma vitória, mas muito ainda temos que caminhar. Gostaria de desejar para todos um ótimo 2017.*

*A tristeza é senhora,  
Desde que o samba é samba,  
É assim,  
A lágrima clara  
Sobre a pele escura,  
A noite e a chuva  
Que cai lá fora...  
Estamos num momento assim,  
faz noite nas políticas públicas para as mães e seus bebês.  
Faz noite no drama dos refugiados, crianças, em pleno século XXI  
sofrendo os horrores da guerra.  
Hoje, mais que antes, temos que lutar para iluminar essa noite..  
Bjs queridas parceiras.*